

“AFRICANIZANDO A QUESTÃO”: A CONTRIBUIÇÃO DOS LUSOAFRICANOS NA DIFUSÃO E DESENVOLVIMENTO DO HIP-HOP EM PORTUGAL E DOS PALOP’S

Langa, Ercílio Neves Brandão¹

Resumo: Este *paper* analisa a contribuição de lusoafricanos para a difusão e desenvolvimento do *Hip-Hop* em Portugal e nos países africanos de língua oficial portuguesa (Palop’s). O artigo surge de um minicurso desenvolvido no âmbito do Programa PULSAR, durante o festival das Culturas da Unilab, no ano 2017. Partindo da análise das trajetórias biográficas e musicais desses *rappers*, avalio o lugar da negritude e do pertencimento a África, bem como compreendo as realidades vivenciadas pela população africana e seus descendentes em Portugal. Pioneiros do movimento *Hip-Hop*, particularmente, da música *Rap* em terras lusas, tais jovens lusoafricanos eram filhos de imigrantes oriundos dos Palop’s – a “segunda geração” ou “geração rasca”. Artistas como *General D* e os *Black Company* – introduzem o *rap* e discussões sobre discriminação racial, exclusão, falta de moradia, gravidez na adolescência, prostituição, drogas, imigração, desemprego, violência policial e extermínio da juventude afrodescendente – marcam gerações. Suas músicas e letras reverberam nas décadas de 80 e 90 do século XX na “tuga” e nos Palop’s. Estes jovens que utilizam o rap como forma de expressão têm em comum o fato de serem negros, filhos de imigrantes ou descendentes de lusoafricanos, sendo por isso, discriminados pela cor da pele e da origem africana. Suas letras, músicas, mensagens e performances encarnam resistência contra as formas de opressão e repressão na sociedade portuguesa. Para elaboração deste trabalho, utilizei como metodologia, a análise musical da discografia, letras, videoclipes e performances produzidas por estes *niggers*, além da pesquisa bibliográfica acerca do hip-hop português e da sociedade portuguesa vivenciada por eles.

Palavras-chave: Hip-Hop. Rap. Jovens lusoafricanos. Portugal e Palop’s.

INTRODUÇÃO

O movimento Hip-Hop em Portugal nasceu na década de 1980 na cidade de Lisboa. É consenso que o *rapper* com o *a.k.a*² “General D” foi o pioneiro deste ritmo musical em terras lusas, sendo por isso, considerado o “pai do rap português”. General D, nascido em Moçambique na década de 1970, imigra com os pais para Portugal aos dois anos de idade e passa a viver em um dos subúrbios de Lisboa. Aluno excelente e

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: ercilio.langa@unilab.edu.br.

² No mundo do hip-hop internacional, particularmente, norteamericano, a sigla *a.k.a* constitui abreviação da expressão “*also known as*” que, em tradução literal significa “também conhecido como”. O *a.k.a* é bastante utilizado pelos *rappers* para dar nome ou apelido a um artista.

desportista recordista dos 100m no atletismo, vai descobrir no rap a sua forma de expressão e inserção na sociedade portuguesa (HIP-HOP TUGA, 2009). Na condição de imigrante, busca suas raízes africanas, ao mesmo tempo em que se torna ativista da luta contra o racismo e a favor dos direitos das minorias em Portugal. Anos mais tarde, será candidato a deputado no Parlamento Europeu pela legenda Movimento Política XXI, sendo porta-voz do movimento SOS Racismo, um canal de denúncia contra a discriminação racial (*Idem*, 2009). General D assim narra a sua condição de imigrante negro, africano, da “segunda geração” residindo em Portugal:

Sou filho sem nação
 Sou segunda geração
 Eu sou aquele filho que
 sentiu a solidão
 Eu sou aquele homem que
 cresceu sem saber
 Se era africano ou se
 africano queria ser
 Boca, canhão,
 Palavra, munição,
 Cresci, aprendi
 e me desenvolvi,
 Mas raiz africana eu ainda
 trago em mim,
 Mas raiz africana eu ainda
 trago em mim,
 Sou filho sem nação,

Sou segunda geração
 II
 Sou filho sem nação,
 Sou segunda geração
 Eu sou aquele filho que
 reclama com razão,
 Agora é diferente!
 Mas sempre fomos gente,
 Agora, reclamo quando não
 estou contente
 Já me censuraram
 Já me aldrabaram
 Tentaram, tentaram
 Na alma não chegaram
 Pode me fazer o que quiser,
 pois então,

não vão conseguir censurar
 meu coração
 Sou filho sem nação,
 sou segunda geração
 III
 Sou planta que cresceu
 alimentada por lágrimas
 Tornei-me revoltado e fiz
 aumentar minhas mágoas
 Grande confusão
 Sinto que a minha semente
 não pertence a este chão
 Sou filho sem nação
 Sou segunda geração

Faixa 7. Raiz Desenraizada. In General D os Karapinhas – CD *Pé na Tchon e Karapinha na Céu* (1995)

Foi General D quem organizou o primeiro festival de música rap acontecido em terras lusas que, contou com a participação de grupos famosos na época, entre os quais os *Black Company*. Três anos depois, em 1994, General D torna-se o primeiro *rapper* a assinar um contrato discográfico e a lançar o primeiro CD de música *rap*, intitulado “*PortuKKKal é um erro*”, com participação de grupos musicais africanos (HIP-HOP TUGA, 2009). O disco com título e faixas musicais provocativas, bem como de intervenção social – com destaque para a música *PortuKKKal*, cujo videoclipe é filmado a preto e branco, num bairro africano feito de barracos, localizado em uma área de mangue e sem saneamento básico – reacende polêmicas pelas suas letras incisivas e literais por abordar o racismo, a exclusão social, o desemprego e o confinamento das populações africanas em Aldeias d’África” (Gusmão, 2006) – os bairros onde residem

as populações africanas em Portugal. Mal recebido pela crítica portuguesa, o disco é bem recebido na Inglaterra e nos Palop's, onde este cantor passa a realizar alguns shows e sua música é tocada nas rádios locais especializadas (*Idem*, 2009). Em suas letras e músicas, General D aborda distintos temas e males que afetam as populações africanas, afrodescendentes e cigana em Portugal – discriminação racial, exclusão, falta de oportunidades, falta de moradia, gravidez na adolescência, prostituição, drogas, imigração, desemprego, violência doméstica e policial, extermínio da juventude lusoafriana. Por isso, entra em confronto direto com a sociedade portuguesa racista que, se pensa branca e europeia, invisibilizando a população africana e seu contributo na construção da nação lusa.

Em 1995, lança seu segundo álbum intitulado “*Pé na Tchon, Karapinha na Céu*”, gravado com o grupo lusoafriano “Os Karapinhas”, no qual General D “africaniza a questão”, com uma qualidade mais refinada e performances marcantes nos seus videoclipes, vestindo roupas africanas, com *dreads*, *rastafári* e letras exaltando sua negritude e pertencimento a África. Destacam-se músicas como *Black Magic Woman* - exaltando a mulher negra; *Pedro pedreiro* - o desemprego, racismo nas obras de construção civil; *Raiz desenraizada* - a condição de imigrante negro e africano na sociedade portuguesa; *Amigo precavido* - onde aborda a saúde, o hiv/aids e o uso da camisinha; *Suzuka a Prostituta* – a exploração sexual e prostituição; *Karapinha* – o cabelo crespo. Neste mesmo período ocorrem vários episódios de racismo, primeiro a violência policial sofrida pelo grupo de *rap Black Company* e depois, o assassinato de um jovem cabo-verdiano, espancado até à morte por um grupo de vinte jovens *skinheads*, reacendendo o clima já tenso. General D dá entrevistas denunciando o racismo e entra em confronto com o mais alto escalão do português – a polícia e a presidência.

Nesse mesmo ano de 1995, emergem os *Black Company* – um grupo irreverente constituído por quatro jovens, entre africanos e lusoafrianos – que lança o CD marcante intitulado “*Geração Rasca*”. Com estilo animado, videoclipes coloridos, skates, paredes grafitadas, roupas ocidentais e norteamericanas, óculos escuros, bonés e outros adereços. Bem como letras e músicas mais “dançáveis” glorificando a juventude, curtidão, álcool e o estilo *hip-hop* norteamericano, este grupo faz furor em Portugal e

nos Palop's, onde é bem recebido pela crítica. Suas músicas viram autênticos hinos para crianças e jovens que entoam suas letras decor. Destacam-se nesse álbum, músicas como *Toda a noite* – exaltando a curtição, virilidade sexual e relações fugazes; *Abreu* – corrupção na política e promessas não cumpridas; *Pura ressaca* e *Não sabe nadar* – juventude e celebração. Em 1997, o grupo lança o segundo álbum de originais intitulado *Filhos da Rua* que, não encanta tanto o público, com a exceção para a música *Julieta* – que canta a história de um namoro interracial entre dois jovens, não aceite pela sociedade portuguesa porque Romeu preto e Julieta branca e que termina com gravidez na adolescência; bem como *Gina* – outro *hit* com um estilo narrativo retrata a vida de curtição de uma jovem adolescente, uso drogas, ida para as ruas, prostituição e contaminação pelo hiv/aids.

METODOLOGIA

Para compreender a contribuição dos lusoafrianos na difusão e desenvolvimento do hip-hop, utilizei como metodologia, a análise musical e da discografia desses músicos, a partir das letras, videoclipes e performances por eles produzidas. Aliado a esse método, realizei pesquisa bibliográfica acerca do hip-hop português e da sociedade portuguesa vigente à época, enfocando particularmente, a condição das populações africanas e afrodescendentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além de introduziram o estilo *Hip-Hop* e o *Rap* em Portugal, os jovens lusoafrianos trazem debates incômodos à sociedade portuguesa, quais sejam, as discussões sobre o racismo, violência policial, discriminação e invisibilização das populações africanas, etc. Vítimas de distintas exclusões, os jovens negros, imigrantes africanos ou filhos de imigrantes irão utilizar sua condição marginal para denunciar sua condição social. General D constitui exemplo dessas trajetórias lusoafrianas. No seu terceiro álbum lançado em Portugal, intitulado *Kanimambo*,³ lançado em 1997, este jovem lusoafriano irá “africanizar” ainda mais a questão em Portugal. Logo na capa do

³ Expressão que na língua moçambicana *shangana*, significa obrigado, uma forma de agradecimento.

CD, aparece uma fotografia frontal do artista, onde evidencia-se seu corpo negro e musculado, de tronco nu e *dreads* altivas e ao fundo o céu castanho com nuvens brancas. Com músicas como *Reghetização*, na qual denuncia as complicadas condições de vida nos africanos em Portugal: bairros longínquos, murados para ocultar a degradação, a pobreza, o confinamento uma nova espécie de guetos negros com apartamentos sem janelas, cheio de jovens desempregados, onde os taxistas se recusam a parar, ninguém quer viver e a polícia entra para bater, prender ou matar.

Na faixa, intitulada *Afrika Nossa*, este artista questiona – “o que é que se passa na cabeça do jovem africano?” “com o meu bairro africano?” – e lamenta a situação da juventude africana na diáspora, as guerras em África, a ocidentalização das mentes, os jovens que vão estudar fora e voltam desenraizados. Já na faixa intitulada *Estado de sítio*, narra cenas de violência doméstica cotidiana na vizinhança africana, o receio de intervenção dos vizinhos – “entre marido e mulher não põe a mão e ninguém mete a colher”, “entre quatro paredes tudo pode acontecer” –, a demora e ineficácia da intervenção policial nesses casos, o medo da morte e a morte das mulheres africanas na diáspora. Neste mesmo ano de 1997, pouco tempo após o lançamento do segundo álbum, os *Black Company* se desentendem e anunciam o fim do grupo. Os jovens lusoafrianos não veem um futuro promissor em Portugal, mas também não se adaptam às sociedades africanas. Pouco tempo depois, General D abandona Portugal e enceta viagens pela África em Moçambique, Angola e Nigéria, mas decepciona-se com o subdesenvolvimento, a ditadura dos partido-estados únicos, as guerras, a corrupção e um futuro incerto. Viaja pela Europa onde faz shows e pelo Caribe onde lança um álbum na Jamaica com a dupla Sly Dunbar e Robbie Shakespeare. No Brasil vive numa das favelas do Rio de Janeiro entra em contato com *rappers* como Gabriel O Pensador. Já nos EUA varre ruas para sobreviver e aporta na Inglaterra onde vive há cerca de quinze anos e abraça o movimento ecologista.

CONCLUSÕES

Os jovens *rappers* africanos e lusoafrianos utiliza(ra)m-se do *hip-hop* e do *rap* para denunciar a situação de opressão que vivencia(va)m, em uma sociedade europeia miscigenada, mas racista, que se pensa branca e inviabiliza a matriz africana e

o elemento negro. Estes jovens sentiram na pele as distintas formas de exclusão, o estigma de serem chamados de “bandidos”. Suas músicas expressam resistência, mas também a busca de um pertencimento a uma África mítica, nas quais, muitos não se adaptam após o contato. O sentimento de não-lugar está presente em suas trajetórias biográficas e musicais. Com a exceção do futebol e da música *rap*, não se verificam evidências da participação africana na sociedade portuguesa que, continua invisibilizada. Assim, ao longo dos anos, coube aos *rappers*, “filhos de África” ressaltar a sua existência em Portugal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força de cada dia. Ao Programa PULSAR pela oportunidade de contato e mobilização da comunidade acadêmica da Unilab, com alunos, funcionários e técnicos. *Khanimambo* a todos.

REFERÊNCIAS

BENÂNCIO, VÍTOR. General D: uma história nunca contada. 14 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/general-d-uma-historia-nunca-contada/#gs>>. Acessado em: 16 jul. 2017.

DE LÍRIO, MAGUS; MACOSSA. Uma abordagem sobre a afrocentricidade no hip hop moçambicano. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/uma-abordagem-sobre-a-afrocentricidade-...1>>. Acessado em: 04 mai. 2017.

GUSMÃO, Neusa. **Os Filhos de África em Portugal**: antropologia, multiculturalidade e educação. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HIPHOP TUGA. General D- para muitos o rei do hip hop tuga. 10 ago. 2009. Disponível em: <http://www.hiphoptuga.org/2009/08/general-d-para-muito-o-rei-do-hip...>>. Acessado em: 15 ago. 2017.

SIMÕES, José. Entre percursos e discursos identitários: etnicidade, classe, e gênero na cultura hip-hop. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, jan. - abr. 2013. p.107-128.

_____. A globalização do hip-hop: homogeneização e diferenciação cultural. 06 abr. 2007. Disponível em: <http://pt.mondediplo.com/spip.php?page=article-print&id_article=407>. Acessado em: 20 set. 2014.